

IDENTIDADES SURDAS E O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO NO CONTO *O BOTO COR-DE-ROSA SURDO*

Deaf identities and the process of subject identification in the short story *O Boto Cor-de-Rosa Surdo*

RESUMO

O artigo tem por tema a análise das identidades surdas utilizando a fundamentação teórico-metodológica da semiótica de linha francesa, também conhecida como discursiva ou greimasiana. O objetivo do estudo é descrever o percurso gerativo de sentido que permeia a obra, especialmente na representação das identidades surdas da personagem Inaiê na estrutura discursiva profunda, base de partida da ordenação narrativa, com vistas a proporcionar uma compreensão mais abrangente das várias formas de identidade presentes na comunidade surda brasileira. Na análise, destaca-se a importância da categoria *diferença versus deficiência* como base semântica para a compreensão das experiências vividas pelos sujeitos surdos. Além disso, reflete-se sobre a fluidez das identidades surdas, reconhecendo que o processo de identificação do sujeito surdo é contínuo e pode resultar em posicionamentos diferentes ao longo do tempo. Conclui-se que a abordagem semiótica enriquece a análise das identidades surdas, permitindo a apreensão das múltiplas camadas de significados e sentidos compartilhados dentro da cosmovisão da comunidade surda.

Palavras-chave: Identidades surdas; Semiótica; Processo de identificação.

ABSTRACT

The subject of this article is the analysis of deaf identities using the theoretical-methodological basis of French semiotics, also known as discursive or Greimasian semiotics. The aim of the study is to describe the generative path of meaning that permeates the work, especially in the representation of the deaf identities of the character Inaiê in the deep discursive structure, the starting point of the narrative order, with a view to providing a more comprehensive understanding of the various forms of identity present in the Brazilian deaf community. The analysis highlights the importance of the category of difference versus disability as a semantic basis for understanding the experiences of deaf people. It also reflects on the fluidity of deaf identities, recognizing that the process of identification of the deaf subject is continuous and can result in different positions over time. We conclude that the semiotic approach enriches the analysis of deaf identities, allowing us to grasp the multiple layers of meanings and senses shared within the deaf community's worldview.

Keywords: Deaf identities; Semiotics; Process of identification.

1. Introdução

As identidades surdas é um tema complexo que tem despertado interesse e debates em diferentes campos de estudo ao longo dos anos. A compreensão da surdez, não apenas como uma condição médica, mas também como uma identidade cultural, tem sido uma das principais discussões nessa área. Neste artigo, propomos uma investigação detalhada da representação das identidades surdas na obra *Boto cor-de-rosa Surdo* e como essa representação reflete as diferentes perspectivas e concepções existentes dentro da cultura surda.

A obra *Boto cor-de-rosa Surdo* apresenta a personagem central, Inaiê, criança indígena pertencente a uma comunidade localizada às margens do Rio Amazonas, onde vive. Na história, a principal característica da protagonista é a surdez. Através da narrativa em torno dessa personagem, podemos explorar questões essenciais relacionadas à identidade e à percepção da condição existencial das pessoas Surdas. Nossa análise busca descrever o percurso gerativo de sentido que permeia a obra, especialmente na representação das identidades surdas da personagem Inaiê na estrutura discursiva profunda do texto, que serve como base para a ordenação da narrativa.

Para tanto, nos baseamos em um panorama geral das pesquisas até então publicadas a respeito do tema em interface com a teoria semiótica de linha francesa. Essa abordagem nos permite realizar uma análise aprofundada do conto *O boto cor-de-rosa surdo*, sob a perspectiva de significação presente no nível mais abstrato do texto escolhido como *corpus* de aplicação. No decorrer deste artigo, apresentaremos uma fundamentação teórica sobre as identidades surdas, discutindo os aspectos culturais, linguísticos e sociais que contribuem para a forma como os surdos se identificam e se veem.

Em seguida, realizaremos a análise da obra *Boto cor-de-rosa Surdo*, explorando os diferentes aspectos narrativos e simbólicos que estão envolvidos na representação das identidades surdas na obra. A análise é orientada pelo uso do quadrado lógico-semiótico de Greimas-Rastier, conforme proposto pela semiótica, permitindo-nos explorar as relações conceituais relacionadas à surdez, bem como compreender como o conto aborda a surdez, seja como *deficiência* ou *diferença*, e como essas concepções se manifestam na construção de identidades dentro da comunidade surda. Essas noções serão mais bem explicitadas nas seções subsequentes.

Uma seção específica do artigo discute as formas de identidades surdas de acordo com a cosmovisão da cultura surda evidenciada na obra analisada. Abordaremos questões como a visão do surdo sobre a língua de sinais, o acesso à educação e a relação com a comunidade

ouvinte. Ao analisar esses aspectos, poderemos obter uma compreensão mais rica e aprofundada da diversidade de identidades que coexistem dentro da comunidade surda.

À guisa de conclusão, a última seção deste artigo discute como os resultados encontrados oferecem uma oportunidade de reflexão e aprofundamento sobre as identidades surdas, ao investigar a obra *Boto cor-de-rosa Surdo* sob a perspectiva da teoria semiótica de linha francesa. Por meio desse estudo, buscamos ampliar o conhecimento e promover uma discussão mais informada e abrangente sobre as identidades surdas, valorizando as diversas perspectivas e experiências presentes nessa comunidade.

2. A surdez e a identidade de pessoas surdas

Nos últimos anos, os estudos acerca da surdez e das pessoas surdas têm passado por transformações significativas, adotando novas perspectivas e terminologias. Ao invés de enfatizar a surdez como uma *deficiência* a ser corrigida, tem havido uma valorização crescente da *diferença* na compreensão da surdez (Dall'asen & Pieczkowski, 2022). Ao longo do tempo, a abordagem predominante foi a de reabilitação dos surdos por meio de implantes de aparelhos auditivos, treinamentos em prol da oralização via leitura labial, entre outras práticas semelhantes que tinham como objetivo de torná-los "normais" e integrados à comunidade ouvinte. No entanto, essa perspectiva médica tem sido questionada, e a surdez, cada vez mais reconhecida como uma identidade cultural por si mesma, com sua própria língua, no caso do Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras)¹.

Uma das vozes importantes nesse debate é a de Carlos Skliar, que chama a atenção para os estereótipos presentes nas instituições sociais e nas interpretações tanto de surdos quanto de ouvintes que não estão familiarizados com a cultura surda. Skliar destaca a importância de questionar as experiências ideológicas dos surdos, auxiliando-os na descoberta das interconexões entre a comunidade surda e o contexto social mais amplo. Essa busca por interconexões e compreensão mútua visa promover um diálogo contínuo e enriquecedor, reconhecendo as identidades surdas como um elemento essencial na construção de uma sociedade mais inclusiva e diversa (Skliar, 2015).

Em sintonia com essa perspectiva, Perlin e Miranda (2003) ressaltam a importância de analisar as identidades surdas, a partir dos componentes que formam as identidades ao nível do

¹ Apesar de ser a língua de sinais mais reconhecida, inclusive juridicamente, e a mais utilizada entre os utentes surdos e não surdos no Brasil, é preciso ressaltar que a Libras não é a única língua de sinais presente no país. Existem diversas outras línguas de sinais utilizadas por diferentes comunidades surdas brasileiras, como a Ka'apor, utilizada pela comunidade indígena Ka'apor, e a língua de sinais usada pela comunidade surda de Várzea Queimada, no Piauí. Essas línguas refletem a diversidade cultural e regional do país, e algumas são próprias de grupos específicos, como os indígenas, ou desenvolvidas em pequenas comunidades urbanas e rurais.

ser, onde as dinâmicas de *poder* se desenvolvem. Para eles, as identidades surdas é uma experiência de convivência no *ser diferente*. Dessa forma, a complexidade e diversidade das identidades surdas vão além da perspectiva puramente biológica da surdez, exigindo uma compreensão de como as dinâmicas sociais e culturais moldam essa identidade e influenciam a forma como os surdos se veem e se relacionam com o mundo. Ao reconhecer a singularidade e a diversidade das identidades surdas, é possível valorizar ainda mais as particularidades culturais e linguísticas dos surdos, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com a diversidade humana.

Assim é que Gladis Perlin (2003) propõe uma classificação de sete tipos distintos de identidades surdas, criando um espaço cultural dentro das diversidades de culturas.

1. A primeira identidade é a Surda Política, representada por indivíduos com forte personalidade, que lutam pelos seus direitos e pelos direitos da comunidade surda. Esses indivíduos são especialistas em Libras, mas podem ter limitações no português escrito ou na língua falada. Eles atuam como influenciadores e estrategistas, buscando fortalecer o envolvimento da cultura surda como um todo.

2. A segunda identidade é a Surda Híbrida, composta geralmente por surdos que nasceram ouvintes e, por algum motivo, perderam a audição. Essas pessoas transitam com facilidade entre os universos linguísticos da Libras e do português escrito, além de fazerem leitura labial. Não têm dificuldade em se comunicar com ouvintes, são oralizados e se aceitam como surdos.

3. A terceira identidade é a Surda Flutuante, caracterizada por surdos que não têm contato com a comunidade e cultura surda. Esses indivíduos se sentem constrangidos pelos estereótipos associados aos surdos, rejeitam a língua de sinais e o intérprete de Libras, buscando se identificar como ouvintes e se orgulhando de sua capacidade de falar. Sentem-se inferiores aos ouvintes e têm dificuldade em acompanhar a cultura ouvinte.

4. A quarta identidade é a Surda Embaçada, que não faz parte de nenhum dos mundos linguísticos e culturais. Geralmente, esses surdos não sabem a língua de sinais nem o português e, muitas vezes, suas famílias não receberam orientação adequada na educação, resultando em isolamento social e até mesmo em serem considerados como loucos.

5. A quinta identidade é a Surda de Transição, comum entre surdos filhos de pais ouvintes que foram criados na cultura ouvinte, mas posteriormente se

identificam com a cultura surda. Esses surdos passam por uma constante transição, enfrentando uma guerra interna entre as duas culturas.

6. A sexta identidade é a Surda Diáspora, formada por surdos que transitam entre várias comunidades e culturas surdas de diferentes regiões e países, o que evidencia a diversidade cultural adquirida.

7. A sétima e última identidade é a Surda Intermediária, composta por surdos que não possuem surdez profunda, utilizam aparelhos para surdez, mas não aceitam intérpretes de Libras e não participam de comunidades ou culturas surdas. Essas pessoas têm dificuldade em encontrar sua identidade, pois não se consideram totalmente surdas nem ouvintes.

No entanto, apesar de a autora ressaltar que essa classificação não é limitadora, uma vez que os surdos podem adquirir outras identidades ao longo de suas vidas, resultantes de novas experiências e vivências (Perlin, 2004), é incontornável reconhecer que a falta de uma fundamentação teórica mais detalhada para cada tipo de identidades surdas proposta por Perlin cria lacunas significativas na compreensão da complexidade dessas identidades e suas inter-relações. Ao não oferecer uma base sólida para sustentar as categorias propostas, pode-se correr o risco de criar estereótipos e generalizações, conforme aponta Skliar (2015), que não refletem adequadamente a diversidade de experiências e trajetórias vividas pelos surdos. Além disso, fica difícil compreender como essas identidades surgem e se desenvolvem no imaginário cultural da comunidade surda.

Nesse sentido, a teoria semiótica de linha francesa pode contribuir de forma significativa para o aprofundamento da noção de identidades surdas, preenchendo as lacunas apontadas nesta breve revisão teórica. Essa abordagem teórica oferece ferramentas conceituais e analíticas que auxiliam na compreensão das múltiplas dimensões e significados das identidades surdas, possibilitando uma análise mais aprofundada de como essas identidades são construídas e reconhecidas na comunidade surda brasileira.

3. Teoria da significação enquanto método

A semiótica de linha francesa, cujo fundador é Algirdas Julien Greimas, concentra-se na problemática da significação, essencial para as ciências humanas e, especialmente, para a Linguística, que se apresentou como a disciplina mais adequada para explorá-la (Greimas, 1973, p. 11). Desde o final do século XIX, a questão da significação havia sido negligenciada de maneira evidente e intencional (Greimas, 1973: 12-13). Diante dessa lacuna, Greimas propôs

sua *Sémantique Structurale: recherche de méthode* (1966) com o objetivo de refletir sobre as condições para um estudo científico da significação em um modelo teórico gerativo.

O semioticista francês concebeu o processo de produção do texto como um percurso gerativo que se desenvolve do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, com escopo sintagmático para estudar a produção e a interpretação dos textos e abrangência geral, interessando-se por qualquer tipo de texto, independentemente de sua manifestação (Fiorin, 1999, p. 180).

Para a semiótica de linha francesa, texto é toda e qualquer relação entre um conteúdo e sua expressão que produza significado. Assim, o sujeito surdo, ao valorizar significativamente uma dentre as várias identidades surdas, entre as quais aquelas apresentadas por Perlin (2003), traça, de fato, percurso gerativo de sentido, no qual tal identidade passa a ser buscada enquanto um objeto revestido pelo conjunto de valores que tal perfil identitário apresenta consigo. Em suma, cada forma de identidade surda pode ser entendida enquanto um discurso de ajustamento entre as práticas que levam a formas de vida, isto é, regularidades no conjunto dos usos adotados pelo surdo dentro deste processo de identificação.

Assim, tal percurso gerativo de sentido percorrido pelo sujeito surdo em seu processo de identificação é entendido em semiótica como o local semântico em que o sentido do texto é desdobrado em:

- um nível fundamental, em que uma oposição abrangente estabelece o mínimo de sentido a partir do qual o texto se produz;
- um nível narrativo, em que entram em cena sujeitos em busca de valores investidos em objetos;
- e um nível discursivo, em que temas e figuras recobrem os conteúdos abstratos.

Partindo do mais abstrato ao mais concreto, das estruturas elementares da significação às estruturas narrativas de superfície, a teoria prevê uma gramática (uma sintaxe e uma semântica) que esquematize cada um dos níveis a fim de que as articulações significantes possam ser modificadas, aumentadas e complexificadas progressivamente (Fontanille, 2017, p. 15).

Interessa-nos neste trabalho descrever o percurso gerativo de sentido que permeia um conto manifestado em Língua Brasileira de Sinais, a saber *O boto cor-de-rosa surdo*, organizado entre a ontologia *Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas*, publicada no ano de 2016 pela Professora Ms.^a Taisa Aparecida Carvalho Sales em conjunto com os alunos do 4º período de Letras/Libras da UFAM. A Figura 1, na página seguinte, apresenta um *qr-code* que direciona para a página da internet onde o conto pode ser visualizado.

Figura 1 — Conto *O Boto Cor-de-rosa Surdo*

Visualize pelo QR CODE



Fonte: Sales (2016).

A seleção dessa produção se deu por esta concentrar, frente às demais produções da obra, material linguístico suficiente e vários dos fenômenos de interesse desta pesquisa dos quais pôde-se retirar quantidades satisfatórias de ilações, além de apresentar temas relevantes para a afirmação da cultura surda.

A apresentação da análise realiza-se, nas seções subsequentes, pela descrição dos níveis mais superficiais do percurso gerativo de sentido, tais como o discursivo e o narrativo, até que se chegue ao quadrado semiótico, localizado pela teoria semiótica no nível fundamental do texto. Neste momento da análise, detemo-nos na exploração das relações fundamentais relacionadas à surdez, bem como na compreensão de como a base semântica do conto aborda as noções de deficiência e diferença e, ainda, como essas concepções se manifestam na construção das identidades surdas, mais tarde convertidas em estruturas narrativas pelo processo de discursivização.

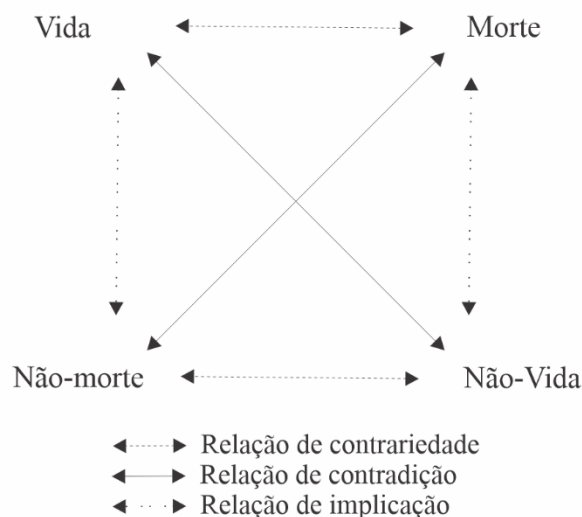
Tendo sido influenciado pelo diagrama aristotélico, que representa as quatro proposições de um sistema também conhecido como “quadrado lógico ou de Apuleio”, o *quadrado lógico-semiótico de Greimas-Rastier*², sintetiza toda a estrutura textual em uma lógica binária, composta qualitativamente por quatro elementos principais: o termo positivo, o

² Denominado por alguns manuais da teoria como *modelo constitucional* ou mesmo *quadrado semiótico*.

termo negativo, a negação do termo positivo e a negação do termo negativo. Esses elementos são organizados em pares opostos, formando um quadrado. Através dessa estrutura, é possível analisar as relações de contrariedade, contradição e implicação entre os termos e compreender como eles contribuem para a construção do sentido.

Assim, por exemplo, um primeiro termo (digamos, *vida*) opõe-se ao seu contrário semântico imediato (logo, em nosso exemplo, *morte*). Na passagem de um destes pólos para o outro, exige-se que uma negação do primeiro termo seja realizada, por uma lógica privativa. Ou seja, afirmar a *morte*, implica negar a vida, o que resulta no termo contraditório de *não-vida*. Nessa mesma ordem, afirmar a *vida* corresponde a negar a *morte*, o que nos leva ao lugar teórico da *não-morte*, conforme ilustra a Figura 2, abaixo.

Figura 2 — Quadrado semiótico vida *versus* morte



Fonte: elaboração própria.

Desta forma, o quadrado semiótico é uma ferramenta que permite representar as relações semânticas de forma mais completa, explorando as dimensões paradigmáticas e sintagmáticas. Ele permite identificar as oposições lógico-semânticas presentes em um sistema de significação. Como se disse há pouco, dessas oposições fundamentais decorrem todo sentido do texto, a medida em que estas serão convertidas em níveis hierarquicamente superiores ao nível fundamental em percursos narrativos, papéis actanciais, modalidades, temas e figuras do discurso, recorrências isotópicas etc.

O quadrado semiótico tem sido amplamente utilizado como uma ferramenta analítica nas áreas da linguística, da semiótica e da comunicação. Sua aplicação permite uma compreensão mais aprofundada dos significados presentes nas mensagens e discursos, contribuindo para a interpretação e a crítica cultural. Assim, essa ferramenta semiótica delimita

os alcances da consciência em um texto específico, estabelecendo certas posições que o texto não pode ultrapassar. Esses limites não pertencem ao modelo em si, mas sim ao próprio texto em análise. O quadrado é utilizado para mapear essas posições, identificando os pontos em que o texto se situa.

No entanto, é importante ressaltar que o quadrado semiótico não representa uma concepção definitiva e imutável da significação. Ao longo dos anos, outros estudiosos têm proposto desenvolvimentos e revisões desse modelo, buscando aprimorar sua aplicação e adaptá-lo às novas demandas da sociedade contemporânea. Portanto, apesar das críticas dirigidas ao modelo fundador da teoria semiótica, a análise não é redutora, uma vez que pode explorar o quadrado como uma oportunidade para estabelecer relações e tensões presentes no texto. Essa abordagem amplia as possibilidades de análise, permitindo uma compreensão mais abrangente das dinâmicas e significados presentes na obra analisada (Teixeira, 2014).

4. Análise das identidades surdas no conto *O boto cor-de-rosa surdo*

Segundo os estudos mais recentes da semiótica (Portela, 2022), a construção de uma identidade depende sempre de um arranjo extremamente instável, dinâmico e precário. Então, o processo de identificar-se corresponde a desestabilização de algumas identidades em detrimento de outras. Talvez por isso é que a narrativa de *O boto cor-de-rosa surdo* começa por descrever o estado da personagem principal Inaiê. A personagem surda vive, a esta altura, em sua aldeia, em plenitude com a surdez, que caracteriza sua *diferença*, “da melhor forma no melhor dos mundos possíveis” (Zilberberg, 2011, p. 172). Ela se sente diferente daqueles (ouvintes) que a cercam, mas isso não é, até então, um problema instaurador de instabilidades passionais na narrativa.

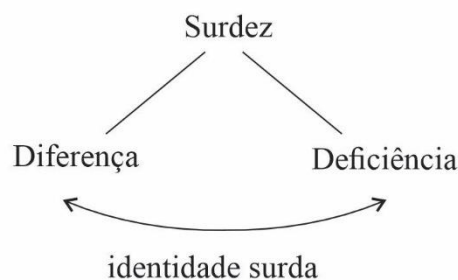
Entretanto, a partir do momento em que passa a se comparar com as características orais de seus pares, tal estado de coisas aparenta-se incoerente para Inaiê, e a personagem começa a questionar seu *status quo*, ou seja, realocar a valorização que faz da sua surdez. Portanto, da conjunção que a caracterizava como sujeito realizado, Inaiê tende ao termo contraditório, a não-conjunção, em um percurso de renúncia do seu estado primeiro e da surdez enquanto *diferença*.

Noutros termos, a personagem, tem sua existência semiótica posta em crise, visto que os objetos que valorizava anteriormente perdem a sua eficácia, e, portanto, outro objeto deverá ser posto no lugar. Inaiê está na *não-diferença*, no percurso que vai da *diferença* → *não-diferença* → *deficiência*. Isso porque, em semiótica, *identidade* não corresponde à *igualdade*. Igualdade tem a ver com parecer-se consigo mesmo, no sentido aristotélico de $A = a$. Identidade é quando o sujeito se parece com o outro (Portela, 2022). Porém, Inaiê não se parecia com os

seus pares, o que lhe causou a impressão de faltar-lhe algo. Sua falta, neste texto, ganha denominação: a *comunicação*.

Assim, para Inaiê, a surdez não deixará de existir, porém passa a ser considerada a partir de outro sistema axiológico, no qual tem valor disfórico³. Logo, a condição de surdez é atualizada: deixa de ser vista como *diferença* e passa a ser considerada como *deficiência*, conforme a seguinte categoria transitiva.

Figura 3 — Categoria transitiva da surdez



Fonte: elaboração própria

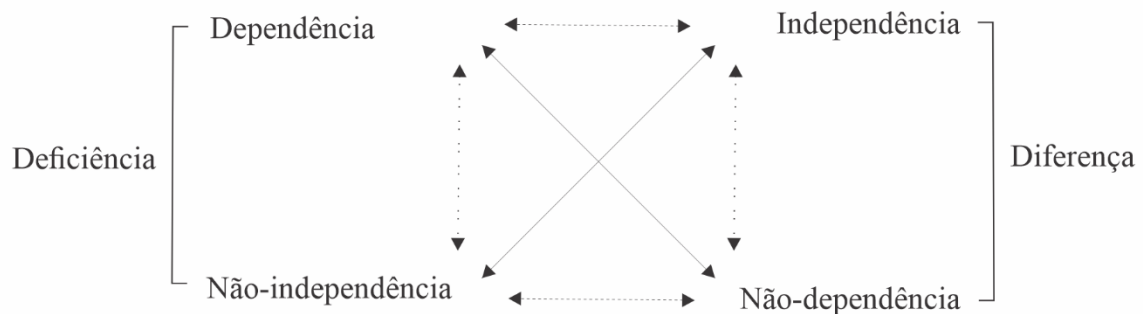
A valorização do mundo para Inaiê em torno da categoria *diferença* vs. *deficiência* faz com que cada um dos termos dessa categoria passe a ser considerado como termo complexo de uma nova categoria semântica que coloca em oposição a *dependência* vs. *independência*. Estar em casa, privada de comunicação, se bem que cercada de pessoas conhecidas durante toda a sua vida, fez com que Inaiê estabelecesse uma forma de vida própria da ordem da dependência. Mudar esse *status quo* implica negar tal dependência para se tornar sujeito autônomo, senão independente, ao menos não-dependente.

Note-se que, ao articular uma nova categoria semântica, toda a estrutura narrativa da existência de Inaiê é alterada, em prol de novos percursos temáticos e figurativos. Ou seja, negar a *dependência* é negar estar com casa, no seio de sua comunidade, dos seus familiares, para conviver sozinha na mata, e, por fim, conhecer por um curtíssimo espaço de tempo uma entidade diametralmente oposta a todos aqueles seus conhecidos desde há muito: o Boto cor-de-rosa Surdo. Este sabia se comunicar em Libras, e é com ele que Inaiê vai estabelecer o grau mais alto da comunicação somática. Todo este construto narrativo se baseia em uma rede

³ Fontanille (2019, p. 127) denomina tal estado de coisas de *narrativa de inanidade*, ou seja, aquela em que os objetos, apesar de ainda conservarem “seu valor social, econômico ou simbólico, [...] perdem, pouco a pouco, sua qualidade de presença para a instância de discurso”.

fundamental de relações pode ser formalizada no quadrado semiótico apresentado na página seguinte pela Figura 4.

Figura 4 — Quadrado semiótico do nível fundamental de *O boto cor-de-rosa surdo*



Fonte: elaboração própria

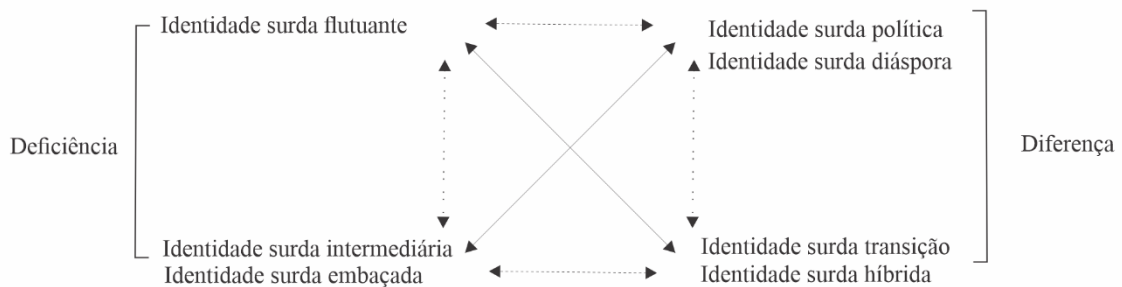
Tender à orientação que, no nível fundamental, vai da dependência \Rightarrow independência implica que, em narrativa, essas oposições fundamentais sejam convertidas na relação de junção da personagem Inaiê com a *comunicação*. Portanto, Inaiê precisa agir para suprimir a disjunção de seu objeto de valor, ou seja, motivada pela imagem negativa de si mesma enquanto destinatário e pela imagem positiva do que poderia vir a se tornar, Inaiê se automanipula a um *dever-fazer* alguma coisa para estabelecer a relação de conjunção esperada: sair de casa, vagar pela mata, traçar relações com o ser mágico, aprender Libras para, por fim, comunicar-se bem. De ente passivo, a personagem Inaiê, enquanto actante funcional, passa a congrega os percursos de Destinator, Destinatário e Sujeito de seu fazer instalado em uma espera tensiva, eufórica e durativa.

5. Considerações sobre as formas de identidades surdas

Conforme visto, no imaginário da cultura surda manifestado pela Literatura em Libras, “uma identidade é um objeto-valor. Ela não é um sujeito (no sentido de ser a identidade de alguém). Busca-se uma identidade enquanto objeto modal em detrimento das outras para conseguir conquistar um objeto-valor descritivo, que, no caso de Inaiê, era a comunicação” (Portela, 200?). Nesse sentido, é que uma semiótica das identidades é tributária de uma semiótica da ação e de uma semiótica da manipulação. O sujeito sempre agirá para requerer uma nova identidade a medida em que as adequações de suas práticas não corresponderem mais à sua existência semiótica por ele requerida.

Dessa maneira, as formas de identidades apresentadas por Perlin (2003) podem fazer suas as posições do quadrado semiótico, na medida em que se articulam pela categoria *diferença* vs. *Deficiência*, enquanto uma cosmovisão que define a pessoa surda, da seguinte forma:

Figura 5 — Quadrado semiótico do nível fundamental



Fonte: elaboração própria.

Dentro desse contexto, é importante ressaltar que essas formas de identidades surdas, representadas pelo quadrado semiótico, constituem uma base narrativa. Essa abordagem narrativa é teoricamente vantajosa, pois problematiza o processo de identificação do sujeito surdo. Manter-se em uma identidade específica é, ao mesmo tempo, manter uma direção, definindo o sujeito por meio de um estado vivido, mesmo que, de acordo com os desenvolvimentos atuais da semiótica, esse estado se assemelhe mais a um intervalo de encadeamento contínuo de realidades possíveis do que a uma posição demarcada, tal como se apresenta no quadrado da Figura 5, acima (Zilberberg, 2011).

Conforme essa última postulação, as práticas que determinam a especificidade das identidades surdas podem ser compreendidas como "devires", como colocado por Bachelard (2008, p. 89), destacando que as qualidades são mais processos em contínua transformação do que estados fixos. Essa perspectiva enfatiza a fluidez e a dinamicidade das identidades surdas, demonstrando que tais identidades são construídas e reconstruídas ao longo do tempo. Nas palavras de Greimas, “uma tal ‘personalização’ é, portanto, eminentemente intersubjetiva (ela pressupõe a convocação de dois simulacros e sua comparação feita com a ajuda de dois códigos diferentes) e muito mais cognitiva do que patêmica” (Greimas, 2002, p. 84). Assim, a noção de identidades surdas pode ser tomada de acordo com as noções de *aderência* e *inerência* postuladas por Zilberberg (2011, p. 156).

[ver → tocar] → [tocar → ser tocado] → [ser tocado → ser penetrado]

Em suma, isso corresponde a dizer que, conforme nos relembra Zilberberg as palavras de Saussure, “diferença é ‘um termo incômodo porque admite graus’; em suma, devemos supor a existência de diferentes diferenças” (Zilberberg, 2011, p. 276). Ou seja, o processo de identificação implica diferentes modos de aderir ou inerir certa identidade, não sendo todas elas identificadas igualmente pelo sujeito surdo que, por sua vez e nem por isso, deixa de possuir existência dentro de sua cosmovisão, mesmo que de modo virtualizado.

A discussão sobre os "devires" e as qualidades das identidades no contexto surdo não serão aprofundados neste trabalho para além de sua breve menção mais que suficiente para, na seção de considerações finais, que se seguirá, fornecermos uma síntese dos principais pontos discutidos até então, bem como destacar as limitações deste estudo e sugerir possíveis direções futuras para a pesquisa.

6. Considerações finais

O presente artigo proporcionou uma abordagem semiótica das noções fundamentais que contribuem para uma compreensão mais profunda a respeito das várias identidades surdas. Foi possível reconhecer a articulação profunda em torno da categoria *diferença vs. deficiência* como base semântica para a riqueza e complexidade das experiências vividas pelos sujeitos surdos, destacando a importância de suas narrativas enquanto práticas determinadas por cada forma de identidades surdas.

A análise semiótica revelou a importância da categoria *diferença versus deficiência* como base semântica para a compreensão das experiências vividas pelos sujeitos surdos. A ênfase na diferença tem contribuído para uma mudança de paradigma em relação à surdez, afastando-se da visão tradicional da surdez como uma deficiência a ser corrigida. Em vez disso, reconhece-se a surdez como uma identidade cultural com sua própria língua e formas de expressão, tais como a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

A reflexão sobre a fluidez das identidades surdas trouxe à tona a compreensão de que o processo de identificação do sujeito surdo não é estático, como o deixa parecer os estudos de Perlin (2003), mas um contínuo posicionamento em diferentes identidades ao longo do tempo. Essas identidades surdas são moldadas pela experiência de convivência na diferença e são expressas por meio de narrativas e práticas culturais específicas. A abordagem semiótica enriqueceu a análise, revelando as múltiplas camadas de significados e sentidos compartilhados dentro da cosmovisão da comunidade surda.

No entanto, é fundamental reconhecer as limitações inerentes a essa abordagem. O enfoque semiótico tende a privilegiar a análise dos aspectos formais e estruturais da linguagem, o que pode limitar a compreensão das dimensões socioculturais e históricas das identidades surdas. A complexidade das experiências vividas pelos sujeitos surdos pode requerer uma investigação mais aprofundada, incorporando abordagens qualitativas e fenomenológicas para capturar as múltiplas camadas de significados e sentidos atribuídos às identidades surdas. Portanto, é recomendável complementar a abordagem semiótica com outras perspectivas teóricas, a fim de obter uma compreensão mais abrangente das interações entre o sujeito surdo, a cultura surda e as diferentes formas de identidade presentes na comunidade surda.

Essa investigação pode servir como ponto de partida para futuros estudos, que devem aprofundar as intersecções entre linguagem, cultura e identidades surdas. Há uma necessidade de pesquisas que adotem uma abordagem mais holística e inclusiva, buscando compreender as diversidades linguísticas e culturais presentes na sociedade, bem como as particularidades dentro da própria comunidade surda.

Em conclusão, a análise semiótica ofereceu uma perspectiva valiosa para compreender as várias identidades surdas. Esse campo de estudo tem o potencial de promover uma representação mais inclusiva da cultura surda na pesquisa linguística e contribuir para a construção de uma sociedade mais diversa e respeitosa.

7. Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DALL'ASEN, Taise; PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro. Surdez, identidade e diferença. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, , p. 1129–1147, 1 abr. 2022. <https://doi.org/10.21723/riaee.v17i2.14593>.

FIORIN, José Luiz. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. **Delta: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 15, n. 1, p. 177-207, 1999.

FONTANILLE, Jacques. **Corpo e sentido**. Trad. Fernanda Massi e Adail Sobral. Londrina: EDUEL, 2017.

FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do discurso**. Trad. Jean Cristtus Portela. 2 ed. São Paulo : Contexto, 2019.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da Imperfeição**. Trad. de Ana Cláudia de Oliveira. São Paulo - Hacker Editores, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica Estrutural**. Tradução Hakira Osakape *et al.* 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sémantique structurale**: recherche de méthode. Paris: Larousse, 1966.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. O lugar da cultura surda. *In*: THOMAS, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (orgs.). **A invenção da surdez**: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISCISC, 2004.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**: revista de educação e processos inclusivos, n. 5, p. 217–226, 1 jan. 2003.

PORTELA, Jean. Léxico para uma semiótica das identidades: identificação, identidade, identitário. **YouTube**, 13 maio 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/live/ILIA_P-igVk?feature=share.

SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 8ª edição. Porto Alegre: Editora Mediação, 2015.

TEIXEIRA, Lucia.; FARIA, Karla; SOUSA, Silvia. Textos multimodais na aula de português: metodologia de leitura. **Desenredo**, v. 10, n. 2, p. 314-336, 2014.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de semiótica tensiva**. Trad. Ivã Carlos Lopes et al. 1 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.